

O PATRIARCA ABRAÃO E AS LUZES DO “AFIRMAR-SE A SI-MESMO”

THE PATRIARCH ABRAHAM AND THE LIGHTS “TO ASSERT ITSELF”

*Luis Fernando Catelan Encinas*¹

Resumo: O presente artigo busca refletir sobre as luzes do “afirmar-se a si-mesmo” a partir de determinadas fontes judaicas. Seguindo alguns relatos sobre a vida do patriarca Abraão (contidos nestas e em outras fontes), procuraremos entender como este distingue e assegura os modos do “afirmar-se o si-mesmo” humano. Assim, por exemplo, interrogando alguns tratados talmúdicos, buscaremos apreender e delimitar as leis e imperativos que asseguram e afirmam o si mesmo e o sentido de si que, como tal, constitui o núcleo da questão “manter-se voltado para si”. Neste sentido, ao procurarmos as luzes do “afirmar-se o si-mesmo” em Abraão, descobriremos nele uma ética baseada na atenção com a vida do próximo, pautada pelo respeito e, principalmente, na preocupação com o Outro.

Palavras-chave: Si-mesmo. Abraão. Talmude. Torá. Alcorão.

Abstract: This essay reflects on the lights “to assert itself” from certain jewish sources. Following are some reports on the life of the patriarch Abraham (contained in these and other sources), seek to understand how this distinction and provides ways of “asserting the self” human. Thus, for example, questioning some Talmudic treated, we will seek to seize and define the laws and requirements that ensure and affirm the self and sense of self that, as we shall see, is the core issue “keeping up facing you”. In this sense, to seek the lights of “asserting the self” in Abraham, we find it an ethic based on attention to the lives of others, guided by respect and especially in concern with the Other.

Keywords: Self. Abraham. Talmud. Torah. Koran.

Introdução

Como afirmar o si-mesmo sem banir as paixões? Como viver o lado animal do si mesmo, a vida instintual humana, sem se deixar enredar pelo canto de sireia do pulsional, e sem recair igualmente no ascetismo? Como ser senhor de seu próprio caos, sem voltar-se contra si mesmo, aniquilando-se?

Somente o homem consegue não viver entregue à satisfação das próprias paixões, embora nem todo homem seja capaz precisamente disto: tornar-se senhor de si. O homem é a única criatura capaz de “voltar-se para si mesmo” e afirmar-se a si mesmo.

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo – USP. E-mail: fernando_catelan@usp.br

Atualmente o homem vive entregue unicamente à sua própria sorte. Não há nada que tenha hoje em dia poder de determinação sobre sua vida. Mas, em tempos de indigência, este homem dito “livre”, atarefado e desamparado metafisicamente, busca ainda a si mesmo, investiga a si mesmo, seu sentido e sua destinação máximas? E ainda: existem hoje meios para isto, para buscar a si mesmo e o próprio sentido de si? A tragédia grega, que é a forma mais elevada de afirmação, era vista pelos gregos como algo problemático, mas não por isso menos desejável. Eles viam o afirmar-se o si-mesmo na sua forma mais terrível, o que é expresso através do destino de seus heróis (como Édipo, por exemplo). Mas o que significa o afirmar-se o si mesmo? Banimento, aniquilação? A morte, como no caso de Jesus Cristo?

“Eis que ousei falar ao Senhor, embora seja eu pó e cinza” (Gênesis 18, 27). Em meio a estes questionamentos, fomos levados ao princípio abraâmico do “eu, pó e cinza”, pois – como veremos – somente quando Abraão se reconheceu “pó e cinza”, na mais profunda crise e diante de sua mortalidade, ele pôde pensar o si mesmo. O “eu, pó e cinza” é, portanto, o conhecimento prévio necessário para pensarmos o si-mesmo. “Eis que ousei falar ao Senhor, embora seja eu pó e cinza” (Gênesis 18, 27). Este é o pensamento diretriz desse pequeno artigo. Retirado de um episódio da vida de Abraão, sua história deve vir a ser trazida para diante de nós, para interrogarmos, em meio a um questionamento fecundo, o afirmar-se a si-mesmo. Como ele se dá nos chamados textos “sagrados”? De que modo? Pois, como teremos ocasião de demonstrar, algumas das disposições contidas na Torá e no Corão se assemelham às mesmas leis e imperativos que asseguram e afirmam o si-mesmo, preservando e cuidando para que ele se desvele, cumpra-se.

I

Para entendermos a noção de si-mesmo, a fim de distinguir e assegurar os modos do “afirmar-se o si-mesmo” humano, que se arrisca e se perde sob a confusão das forças cegas atuais, interroguemos inicialmente o tratado talmúdico do Hulin, seção 88b, que diz²:

² Algumas das fontes talmúdicas utilizadas neste pequeno artigo têm como referência a obra do filósofo Emmanuel Levinas (1905-1995), em especial os seus comentários talmúdicos contidos em *Novas interpretações talmúdicas*. Cf. Referências Bibliográficas.

Rabá disse: Para recompensar Abraão por ter dito: “Sou pó e cinza” (Gênesis 18, 27) dois mandamentos foram dados a seus filhos: “as cinzas da vaca vermelha” (Números 19, 2) e a terra das “esposas suspeitas de adultério” (Números 5, 14). Será preciso acrescentar também a “terra para recobrir o sangue”? Isso traz apenas um aperfeiçoamento, mas nenhuma vantagem.

O doutor talmúdico Rabá, na página do Hulin citada acima, nos revela a recompensa divina que as palavras “eu, pó e cinza” conquistaram: dois mandamentos. Esses dois mandamentos virão se juntar ao conjunto das obrigações mosaicas destinadas ao povo de Israel.

Mas, antes de seguirmos em frente, devemos nos deter para, neste ponto, iniciarmos os relatos, recolhidos da tradição alcorânica, sobre a vida de Abraão. É imprescindível retermos sua história, se temos em vista a apreensão e delimitação das leis e imperativos que asseguram e afirmam o si mesmo e o sentido de si que, como já dissemos, constitui o núcleo da questão: “manter-se voltado para si”. Pois somente depois de percorridos os “passos” relatados a seguir, sobre a vida de Abraão, estaremos em condições de retomarmos o caminho abandonado anteriormente.

Nestes relatos retirados da tradição alcorânica, somos levados aos primeiros registros sobre a vida do patriarca, quando este ainda vivia em Ur da Caldéia, terra de seu pai Ezra. Aí, como é narrado na sura “O Profeta” (XXI, 53-55), adorava-se ídolos, estranhos a Abraão: “Quando ele (Abraão) disse a seu pai e ao seu povo: ‘Que são estas estátuas diante das quais tanto vos demorais?’ Responderam: ‘Vimos nossos pais adorá-las!’ Disse (Abraão): ‘Vós ambos, vós e vossos pais, estais em erro evidente’.”

Também na sura denominada de “O Gado” (VI, 74), são narrados: “Abraão disse a seu pai Ezra: – Tomarás como deuses os ídolos? Vejo que tu e teu povo andam em erro manifesto”. Nesta mesma sura (VI, 76-79), em uma estória oriental breve e linda, Abraão tem a revelação de Deus Único criador. Ato fundador.

Quando a noite o envolveu em sombras, viu uma estrela e exclamou: “Eis o meu Senhor!” A estrela desapareceu e ele disse então: ‘Não amo os que desaparecem’. Quando viu a Lua levantar-se, disse: “Eis o meu Senhor!” Quando ela desapareceu, exclamou: “Se o meu verdadeiro Deus não me guiasse, eu agora estaria entre os perdidos”. Quando viu enfim levantar-se o Sol, disse: “Este é o meu Senhor! Este é o maior de todos!” Mas, logo que o Sol se pôs, exclamou: “Ó meu povo! Estou, na verdade, inocente do culto idólatra que vós professais. Volto o meu rosto para o que criou os Céus e a Terra; sou *hanife* e não um politeísta”.

De acordo com estes versículos, Abraão teria atingido o monoteísmo porque, ao observar a harmonia do Universo, encontrou a prova da existência de um só Deus criador. Sob a ameaça de aniquilação, Abraão, então, foge para Canaã, como Deus lhe ordena, onde se estabelece. Deus diz: “Abraão, foge de Ur de Caldéia para a terra que Eu te indicar, antes que eles te lancem às chamas e pereças” (Sura da Aranha XXIX, 23). Neste ponto da narrativa, começa a história bíblica do patriarca Abraão (Gênesis 12, 1): “O Senhor disse a Abraão: Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que Eu te mostrar”.

II

Neste brevírio da vida de Abraão, podemos identificar três estágios ou acontecimentos fundamentais: 1) A revelação do culto unitário de Deus; 2) A recusa à idolatria; 3) A fuga de Ur da Caldéia, para viver como peregrino e forasteiro em uma terra estrangeira.

Todos estes acontecimentos guardam informações importantes, isto é, mantêm relações insuspeitadas com a questão central desse trabalho. Entretanto, a eleição recaiu sobre um quarto acontecimento, apresentado aqui como o pensamento diretriz, ou seja, o “eu, pó e cinza”. Vejamos, então, o desenrolar daquele que poderia ser denominado o quarto e último acontecimento fundamental.

Abraão, “nosso pai”, já prometido desde Gênesis (17, 4), “pai de uma multidão de nações”, assim, patriarca da humanidade, numa prece a favor da perversa Sodoma, ameaçada de destruição pelo Eterno (Gênesis 18, 23-33), se declara “pó e cinza”: “Eu, pó e cinza” (versículo 27).

Nessa prece em que se confessa a miséria humana, renegando-se pó e cinza, a criatura humana é elevada a uma outra condição, a uma outra ordem do humano que, autêntica sob a incessante ameaça de aniquilação, alguém que pensa na proteção dos outros mantém. Pois os mandamentos conquistados com o “eu, pó e cinza” se ligam, justamente, à atenção com a vida do próximo (“as cinzas da vaca vermelha” destinadas à expiação e purificação da mácula causada pelo contato com o cadáver de um homem assassinado) e o respeito a ele (as cinzas para a preparação da água lustral dada às “esposas suspeitas de adultério”). Esta atenção com a vida do próximo e o respeito a ele serão expressos de modo ainda mais claro no Decálogo, por meio do “não matarás” e do

“não cometerás adultério”, fundando assim uma ética baseada na *preocupação* com o Outro, preocupação essa guiada pela consideração e pela tolerância.

Mas, afinal, por que Abraão suplica pela perversa e incrédula Sodoma? Por que Abraão quer preservar e salvar a perversa Sodoma, ameaçada de destruição pelo Eterno? Qual é a sua necessidade? E por quê? O que sabe Abraão, o qual se diz “pó e cinza”, para tentar poupar a perversa Sodoma da destruição? Mesmo um único homem? A resposta talvez se encontre na conclusão da estória de Abel e Caim, contida na sura denominada de “A Mesa” (versículo 35), onde se diz textualmente que, “quem matar um homem, salvo se for por outro homem ou por atos de violência, será como se tivesse morto todos os homens, mas quem salvar um será como se tivesse salvo todos os homens”. Assim, ao intervir pelo homem, mesmo sendo ele “pó e cinza”, desprezível e, muitas vezes, o mais digno de desprezo, Abraão salva o mundo, pois quando se mata um homem, mata-se todo um mundo. É o que se lê no tratado Sanhedrin (4, 5):

Um único homem foi criado na origem do mundo; para ensinar-lhe que quem atenta contra a existência de um só homem, é considerado pela Escritura tanto culpado quando se tivesse destruído o mundo inteiro; no entanto, quem contribui para a salvação de um só homem, ganha tanto merecimento como se ele tivesse salvo toda a humanidade.

Neste sentido, é somente a partir de Abraão que se funda e sustenta-se uma nova justiça e um novo direito divino, não mais baseado na punição do pecado com a morte e o aniquilamento, como no período diluviano, mas no perdão e na misericórdia. Precisamente na prece em favor de Sodoma, da perversa e ímpia Sodoma, na qual se declara “pó e cinza”, Abraão funda os conceitos de justiça e misericórdia divinas (Gênesis 18, 22-25).³

³ Os únicos sobreviventes da destruição de Sodoma foram Ló, parente de Abraão, e suas duas filhas. Ele teve a mulher morta, transformada em uma estátua de sal. “Nós salvamos Ló e a sua família, à exceção da mulher, que acompanhava os mais atrasados.” (Sura do “Limbo” VII, 81). Em Gênesis (19, 26), “a mulher de Ló, tendo olhado para trás, transformou-se numa coluna de sal”. Na sura de “Hude” (XI, 83), os enviados de Deus à Sodoma advertem Ló, sobre a iminente destruição da cidade, com as seguintes palavras: “– Parte com tua família na obscuridade da noite, mas que ninguém se volte a olhar para trás. Só tua mulher o fará; na verdade, acontecer-lhe-á o que lhe acontecerá”. Ao que tudo indica, ela era suspeita de adultério. Note-se que o Alcorão, além da mulher de Ló, menciona a mulher de Noé como tendo enganado seu marido. Na sura intitulada de “A Proibição” (LXVI, 10), confirmando a suspeita de adultério da mulher de Ló, há o seguinte passo: “Deus apresentou como exemplo aos infieis: a mulher de Noé e a mulher de Ló. Ambas estavam sob a autoridade de dois de Nossos servidores justos, mas ambas os traíram”. Pois bem, a mulher convertida em uma estátua de sal é o sucedâneo do emprego das “águas amargas”, um eufemismo e uma alusão velada para o rito da água lustral, dada às mulheres suspeitas de adultério. É o equivalente simbólico do ritual. E por isso ela foi transformada em uma estátua de sal: ela

Abraão disse: Fareis o justo perecer com o ímpio? Talvez haja cinquenta justos na cidade: fá-los-eis perecer? Não perdoaríeis antes a cidade, em atenção aos cinquenta justos que nela se poderiam encontrar? Não, vós não poderíeis agir assim, matando o justo com o ímpio, e tratando o justo como o ímpio. Longe de vós tal pensamento. Não exerceria o juiz de toda a terra a justiça?

Assim, o poder de Deus se rende, a partir de Abraão, à lei e à misericórdia, e dessa forma surge uma ética de mútua obrigação baseada na preocupação. “Assim, quando Deus destruiu as cidades da Planície, ele se lembrou de Abraão e retirou Ló do meio da catástrofe, na destruição das cidades em que Ló habitava.” (Gênesis 19, 29) A partir deste ponto, portanto, o mal não pode mais ser reparado com a morte e aniquilamento, alterando-se assim os conceitos de justiça e poder, até chegar à sua forma “atual”, isto é, como perdão e misericórdia. Modifica-se, desta forma, a percepção humana sobre o Deus. Pois se antes era necessário um Deus implacável, com Abraão anuncia-se uma nova concepção. Abraão (con)venceu o Deus...

III

Um breve parêntese. Apenas para confirmar o que acabamos de dizer, isto é, de que este perigo está na origem de toda experiência humana, basta recordarmos a um famoso canto da *Odisséia* (Canto XII), do poeta grego Homero, onde este mesmo perigo é expressamente combatido e negado por Odisseu, qual seja, o célebre episódio do canto das sereias, quando, amarrado a um mastro, e colocando cera nos próprios ouvidos, ele resiste ao desejo de aniquilamento e de dissolução representado pelo canto das sereias.⁴

era culpada de adultério. Quer dizer então que as duas jovens que sobreviveram à destruição de Sodoma, juntamente com Ló, não eram suas filhas legítimas, mas antes os frutos de uma suposta relação adúltera contraída por sua mulher? É o que tudo indica pela conclusão da estória, quando, por fim, as filhas dormem com o próprio “pai”, Ló. Mas não se trata, em absoluto, aqui, de um caso de incesto, o que faria supor inicialmente. Elas não eram filhas de Ló. “Não cometerás adultério”, mas quem cometer adultério será morto. Mas, como descobrir, portanto, uma mulher adúltera? A solução indicada por Deus a Moisés parece ter sido a da água lustral (ou amarga). As cinzas para a preparação da água lustral, por outro lado, como vimos, é retirada das cinzas do sacrifício da “vaca vermelha” para a expiação e purificação do contato com os mortos, principalmente assassinatos. Assim, a ligação entre estes dois mandamentos é assim desvelada, aproximando e elevando os crimes de assassinato e de adultério a um mesmo nível, a um mesmo patamar.

⁴ “Sem tardar nossa bem talhada nau atingiu a ilha das Sereias, impelida por propícia brisa. Súbito serenou o vento. (...) Sono divino baixou sobre ondas exaustas. Meus homens atentos recolhem ao porão as inválidas velas. Retornam ordeiros ao renque de remos. (...) A bronze talho em porções um disco de cera. Meus braços possantes amassam pedaços. Ao calor escaldante de Hélio imperial amolecem as partes partidas da cera. Tapo em tempo os tímpanos de todos no barco. De pé me atam os membros no mastro.

Em fonte diversa da experiência grega, ou seja, a judaica, regulada pela Lei, por rituais e prescrições diversas, com seu temperamento estranho ao espírito “pagão”, o judaísmo, como vimos, refletiu profundamente, e a seu próprio modo, tal problema. Com profundo temor e reverência, em rituais complicadíssimos, como, por exemplo, para a expiação pela morte de um homem assassinado (Deuteronômio 21, 1-9), o judaísmo rejeitou categoricamente tal ameaça. Por exemplo, todos os grandes espíritos do judaísmo, entre eles Moisés e Jesus, viveram a experiência do deserto e nele, muito provavelmente, intuíram o significado de tal ameaça. Além de terem resistido ao nada, os judeus colocaram outra questão, talvez ainda mais importante que o próprio cuidado com a vida, fixada por eles próprios como lei: como aprender a suportar o nada da morte e, ao mesmo tempo, impor-se a própria vida? Aqui, a Lei é a própria vida, e *pela* Lei, ela está assegurada. Não há lugar para dúvidas ou questionamentos quando é a própria vida que se justifica a si mesma, afirmando-se. O caso é que na morte encontra-se a origem de todos os pensamentos superiores, que são, antes de tudo, uma reflexão sobre a morte. Toda religião, toda investigação natural, toda filosofia parte desta reflexão. Todo grande simbolismo tem sua linguagem formal ligada ao culto dos mortos, à forma dos funerais, ao adorno das sepulturas. O estilo arquitetônico egípcio, por exemplo, começa com o templo dos mortos dos faraós, o antigo, com o adorno geométrico das urnas tumulares, o árabe, com catacumbas e sarcófagos, e o ocidental, com a catedral.⁵ Nesse sentido, o não-ser é o único problema filosófico realmente sério, até mesmo entre os gregos do período arcaico que, como sabemos, não lhe reconheciam a existência (recordemos, neste ponto, o poema de Parmênides (frag. VI), em que diz: “Necessário é dizer e pensar que o ser é: de fato o ser é, nada não é (...)”⁶).

Reforçam os nós nas pontas de possantes calabres. (...) Distantes da praia não mais que o embate do berro, não ignoram as Sereias a nau que decidida singra tão perto. Entoam, então, doce canção: ‘Pra perto, preclaro Odisseu, pra perto, brilhante aqueu, nosso hino delicia de perto o teu coração. Todos nos ouvem. É a regra. Sem nos ouvir ninguém passou aqui em nau negra. Com nosso saber prossegue mais pleno.’ (...) Versos tais nadavam no ar. Meu coração insaciável pedia mais. Quero que os companheiros afrouxem as cordas. Com o cenho aceno. Porém mais rápido movem-se os remos. Surgem Perimedes e Euríloco. Arrocham e dobram os nós. Os braços aderem mais firmes ao mastro. Os remos batem firmes e levam a nave pra longe. Os tons mortíferos tombaram, silenciaram remotos. Meus caros remeiros removem a cera dos ouvidos e me soltam.” (HOMERO, 2007, p. 223-225)

⁵ Sobre este ponto cf. Oswald Spengler, *Der Untergang des Abendlandes*. Erster Band: Gestalt und Wirklichkeit. München: C.H. Beck’sche Verlagsbuchhandlung, 1920, p. 231ss.

⁶ PARMÊNIDES, 1996, p. 122.

IV

Retornando. Vimos, através da seção do Hulin citada no começo, que as palavras “eu, pó e cinza” conquistaram, como recompensa divina, dois mandamentos. Dois mandamentos que, como também foi dito, se juntaram ao conjunto de leis destinadas ao povo de Israel.

Mas ritos sob a forma de recompensas?⁷

É possível, certamente, alguém se espantar com o fato de que obrigações religiosas imperativas possam desempenhar o papel de recompensas.

Ora, na Torá (ou Lei de Moisés) são 248 preceitos afirmativos, correspondentes aos membros do homem, e 365 preceitos negativos, para cada dia do ano. Um total de 613 mandamentos: 365 proibições e 248 mandamentos positivos. Mas são justamente estas leis e imperativos que asseguram e afirmam o si-mesmo, preservando-o e cuidando para que o homem se “mantenha voltado para si”.⁸

O mais importante na Torá é que o mandamento divino da Lei não se reduz a uma influência opressiva sobre a liberdade do fiel, como poderiam pensar alguns. Na aparente subordinação de obedecer a Deus, a liberdade do “tornar-se senhor de si”, afirmando a si-mesmo, está sempre para ser assumida, nunca está concluída, sugerindo a co-participação do homem na criação e na realização da obra de Deus, por meio da dependência entre o Criador e a criatura humana; em outras palavras: Deus necessita tanto mais do Homem para que se imponha a ordem ao Seu mundo, nascido do *caos*: “A terra era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, mas o espírito de Deus pairava sobre a face das águas” (Gênesis 1, 2). Mais ainda: é como se naquele “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança...” (Gênesis 1, 26), estivesse contido em germe esta reciprocidade e interdependência entre Deus e a criatura humana, ou como se o “Façamos...” fosse ainda insuficiente, precisando ser efetivado, o que

⁷ Contudo, não se trata de nenhuma “exclusividade” judaica. Este procedimento é verificável também no Islão. Na Sura de Abraão (14, 40-41), está escrito: “E logo Abraão disse: Ó Senhor nosso! Faze que os meus cumpram a oração. Dispõe a seu favor os corações dos homens; cuida do seu sustento para que eles Te rendam graças. Ó Senhor nosso! Sabes com certeza o que ocultamos e o que fazemos às claras. Nada do que está na Terra e nos Céus se esconde à face de Deus. Louvores a Deus que, apesar de minha velhice, me deu Ismael e Isaac!”. Neste fragmento de oração atribuída a Abraão está escrito que, por ter recebido a revelação da unidade de Deus (Sura do Gado 6, 74-79), Este deu a Abraão Ismael e Isaac, conforme se segue ainda na Sura de Abraão (14, 51): “Para que Deus recompense cada um conforme as obras respectivas”. Ou seja, para cada ato uma recompensa ou preceito correspondente.

⁸ Os judeus, na verdade, são o único povo que conseguiu elevar-se sobre a História e o mundo, conservando uma memória de mais de três mil anos. Na sua Torá talvez se encontre a explicação para tal fato, sobre a qual a existência do povo judeu adquiriu bases sólidas e duradouras; um projeto que, por assim dizer, garante e preserva a sua existência.

ocorreria somente com o homem.⁹ E, neste sentido, a História do Mundo, que sob esta ótica é a História de Deus, desde a sua origem, desvela-se como um esforço contínuo de auto-superação, cedendo o poder e a força, pouco a pouco, lugar à lei e à misericórdia.¹⁰

São estas leis e imperativos, então, que asseguram e conservam o si-mesmo diante da incessante ameaça de aniquilação? É para evitar que alguém venha a matar por ciúme, por exemplo, que se aproxima o crime de adultério ao de assassinato, para que um homem ou uma mulher inocente não venha a ser morto injustamente? Abraão, como vimos, afirma o si-mesmo pelo cuidado com a vida humana e o respeito a ela, não matando e não cometendo adultério, por exemplo; assegurando e conservando a vida, a sua e a do seu próximo. Afirmar o si-mesmo, para Abraão, é cuidado e respeito com a vida, é uma ética que se baseia na atenção com a vida do próximo, pautada pelo respeito.

Assim, ao procurarmos as luzes do “afirmar-se o si-mesmo” nos dois mandamentos dados aos filhos de Abraão por meio do “eu, pó e cinza”, descobrimos neles uma abertura à responsabilidade para com o próximo, baseado no pré-suposto e na implicação do ato pessoal e que se liga à atenção que passa de uma pessoa a outra ou entre Criador e criatura, curvando-nos assim à autoridade irreduzível encarnada no mistério do Outro, e que nos torna eticamente responsáveis não apenas pelos nossos atos e escolhas individuais, mas – e sobretudo – nos faz eticamente responsáveis uns pelos outros: “Não terás no teu coração ódio pelo teu irmão. (...) Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Levítico 19, 17-18)

⁹ Mas isto não significa dizer que a imagem de Deus tornou-se relativa? De certo modo, sim. Porém, com esta relatividade de Deus pretendemos uma determinada perspectiva segundo a qual Deus não existe como “absoluto”, isto é, como desvinculado da criatura humana e além de toda e qualquer condição humana, mas como dependente, em certo sentido, da criatura humana, havendo uma relação recíproca e essencial entre o homem e Deus, de modo que se poderia conceber, por um lado, o homem como função de Deus e, por outro, Deus como função do homem. Para os homens da Idade Média, uma cultura de âmbito eminentemente cristão, uma representação desta natureza talvez não fosse de fácil assimilação, pois segundo esta concepção de mundo somente Deus pode criar sem mediação, somente Ele pode converter a existência potencial em realidade atual. De qualquer modo, uma passagem de Gênesis (2, 19-20) parece aludir a este fato, em que Deus aparece como essencialmente dependente da criatura humana: “Elohim forma, a partir do terreno, todo animal do campo, todo volátil dos céus, ele os faz vir ao pé do homem para ver o que ele lhes clamará. Tudo o que o homem clama ao ser vivente é seu nome. O homem clama nomes para toda fera, para todo volátil dos céus, para todo animal do campo”.

¹⁰ Na Bíblia, é mesmo possível perceber a transformação da imagem de Deus, no Deus colérico e vingativo para um Deus pacífico e totalmente abrandado, suavizado pelo amor, ou seja, a transformação do Deus supremamente terrível do Antigo Testamento no Deus de Amor do Novo Testamento.

Referências

- ALCORÃO. Tradução de José Pedro Machado. Lisboa: Junta de Investigação de Ultramar, 1979.
- BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. Tradução de Domingos Zamagna e Samuel Martins Barbosa. São Paulo: Paulus, 2002.
- HOMERO. *Odisséia, v.2: regresso*. Tradução de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- LEVINAS, E. *Novas interpretações talmúdicas*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MISHNÁ. *Essência do judaísmo talmúdico*. Tradução de Marisa Murray e Sílvia Morgenstern. Rio de Janeiro, 1973.
- PARMÊNIDES. “Fragmentos”. In: SOUZA, José Cavalcante de (Org.). *Os Pré-Socráticos*. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1996.
- SPENGLER, O. *Der Untergang des Abendlandes*. Erster Band: Gestalt und Wirklichkeit. München: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1920.
- TALMUD. Tradução de Moacir Amâncio. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1992.
- _____. *Seleção de máximas, parábolas e lendas*. Tradução de Vicente Ragnonetti. Petrópolis: Ed. Vozes, 1971.